

O currículo de História no Instituto de Educação Gastão Guimarães.

CARIVALDO CORREIA NASCIMENTO JÚNIOR.*

GILCIMARA BISPO SOUZA DE ALMEIDA**

RESUMO: O presente artigo discute os resultados parciais de uma pesquisa realizada com os estudantes do Instituto de Educação Gastão Guimarães, em Feira de Santana – BA, colégio vinculado com o Programa Institucional de Bolsista de Iniciação a Docência - História (PIBID). A pesquisa tem como objetivo relacionar o currículo praticado nas salas de aula com as expectativas dos jovens do ensino médio da já referida escola. A pesquisa teve início em agosto 2012 com observações do espaço escolar como um todo. A partir de grupos focais, grupos de discussão, diários de campo, entrevistas com professores e alunos podemos apresentar uma série de queixas dos sujeitos envolvidos nesse processo educacional e sinalizamos para uma nova formatação curricular no ensino médio.

Palavras - chave: Currículo. Ensino de História. Ensino/Aprendizagem. Jovem.

Neste artigo procuramos discutir os distanciamentos e as aproximações entre a juventude e o ensino médio, perpassando pelo currículo posto no Instituto de Educação Gastão Guimarães (IEGG) em Feira de Santana-BA. O presente trabalho se ocupa de evidenciar os dilemas, angústias, desafios e conflitos vivenciados nas salas de aula da já referida escola, apontando fatores que acabam por influenciar e dificultar cada vez mais a relação entre professor e aluno que perpassa pela seleção curricular. Trata-se de uma pesquisa parcial, começada em agosto de 2012 com a realização de observações em todo espaço escolar, nas aulas de História, em conversas informais com os alunos e professores, grupos de discussão com todo o ensino médio e grupos focais com os alunos do último ano dessa etapa escolar.

O eixo de estudo é a análise do currículo praticado na já referida instituição escolar, instituição essa que deve possibilitar vivências que priorizem a participação dos jovens como protagonistas e não simples “alunos” e para tanto, torna-se urgente a escola

* Universidade Estadual de Feira de Santana, Valter Guimarães Soares, Mestre, Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID), CAPES.

** Universidade Estadual de Feira de Santana, Valter Guimarães Soares, Mestre, Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID), CAPES.

reconhecer uma condição juvenil na contemporaneidade para que os processos educacionais e as propostas curriculares aproximem-se das necessidades e desejos dos jovens do Ensino Médio, isso porque é perceptível que a escola trata o ensino médio como uma etapa transitória para o ensino superior.

O currículo da escola e muitas vezes a metodologia utilizada pelos professores são direcionados para uma formação que visa o vestibular, vale ressaltar que a maioria das questões do livro são de diversos vestibulares do país, e a partir das observações e de grupos de discussões que foram realizados com os alunos através do projeto percebe-se que boa parte dos jovens do ensino médio não vislumbra chegar à universidade, o que acaba focando o ensino em um ponto que não é o mais almejado pela maioria dos alunos.

Outro ponto de reflexão que reforça o distanciamento entre o conhecimento e a vivência dos jovens do IEGG é o fato de que o currículo está pautado inteiramente no conteúdo programático do manual didático, partindo das “Revoluções e Guerras” até “Rumo ao Novo Milênio” o conteúdo do terceiro ano abarca mais de cem anos de História, trabalha as Américas, Europa, Ásia, África e Oceania, e em sua maioria das vezes superficialmente e deixando lacunas no que diz respeito à formação do aluno, e quando convidados a falar sobre os problemas da disciplina, os jovens da escola sempre referiam-se ao grande volume de conteúdos como um dos maiores problemas da aprendizagem em História.

Uma das maiores reclamações dos entrevistados é quanto à falta de dinamização das aulas de História, que na maioria das vezes é ministrada com aulas expositivas, com o auxílio do livro didático e TV pendrive, que apesar de não ser utilizada com frequência ajuda na exposição do conteúdo com a exibição de alguns slides e vídeos. Percebe-se que o aluno se interessa mais pelo conteúdo quando esse é trabalhado em conjunto com alguma mídia digital, que é o caso da TV. Os dois principais recursos da escola, o manual didático e a TV Pendrive, não conseguem dar conta das múltiplas finalidades que a disciplina de História propõe. O primeiro, respectivamente, é usado como base para ensinar uma História eurocêntrica e que se apega aos grandes fatos e grandes heróis, e o segundo é pouco explorado e quando utilizado não consegue provocar situações de ensino/aprendizagem entre os discentes.

A falta de materiais, em conjunto com o currículo preso a uma História desinteressante e sem utilidade para os alunos acaba por causar um total desapego pela disciplina. O que se ouve nas salas de aula e nos corredores da escola é que “a história não serve para nada”, e esse desinteresse só aumenta quando o aluno não consegue reproduzir em sua vida prática as questões trabalhadas na sala de aula. A História ensinada mesmo sendo muito distante cronologicamente de sua realidade tem como uma de suas funções usar as experiências do passado para traduzir e entender o cotidiano vivido pelos discentes.

Outros aspectos, esses citados pelos professores, apontados como causadores do fracasso do ensino/aprendizagem em História passam pela carga horária da disciplina que é reduzida, pela falta de infra-estrutura da escola, pela falta de formação continuada e valorização profissional e o currículo, que acaba por engessar as práticas pedagógicas e prejudica a formação dos discentes.

Com essas inquietudes em relação ao currículo e depois de algumas observações percebe-se que ensinar/aprender História tem sido um grande desafio para os professores e para os alunos do Gastão. Os diários de campo sempre apontaram para um silêncio quase total dos alunos quando se trata de conteúdo histórico e para um grande interesse e participação massiva quando o conteúdo de aproxima de sua realidade, e essas questões que muitas vezes fazem parte do cotidiano do indivíduo são suprimidas pelo currículo da escola. Juarez Dayrell afirma que:

A relação dos jovens com a escola é permeada por múltiplos sentidos e significados, por sentimentos positivos e negativos. Como espaço de encontro e sociabilidade, mas também do ponto de vista da sua função em termos de produção e transmissão de saberes e conhecimentos úteis à vida, à continuidade dos estudos e ao trabalho, ela é vista positivamente pelos jovens. (Dayrell et al., 2009)

E entender que a escola não é uma ilha desvinculada da sociedade na qual ela esta inserida, é um caminho para entender qual realmente é a finalidade da História, de seu currículo e da escola para com os alunos e para com a sociedade como um todo.

Outro aspecto para a maior interação entre a escola e a sociedade em que a mesma está inserida é a aplicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Os PCNs abrem

um leque de oportunidades para que o docente trabalhe as diversas intencionalidades e o caráter formativo que a História vem a propor, assim de acordo com Selva Guimarães:

Com relação às intencionalidades educativas, ao papel e à importância da disciplina, o Documento, em consonância com o movimento acadêmico e político, reforçou o caráter formativo da História na constituição da identidade, da cidadania, do (re)conhecimento do outro, do respeito à pluralidade cultural e da defesa do fortalecimento da democracia. (GUIMARÃES 2010, p. 18)

Ainda como propostas dos PCNs para o ensino médio é assinalado o desenvolvimento de competências básicas para constituir um princípio de caráter epistemológico, referindo-se no aprender a conhecer:

O desenvolvimento de habilidades e o estímulo ao surgimento de novas aptidões tornam-se processos essenciais, na medida em que criam as condições necessárias para o enfrentamento das novas situações que se colocam. (PCN, p.15 – 2000).

Isso porque é proposto para o Ensino Médio, a formação geral, em oposição à formação específica; o desenvolvimento de capacidades de pesquisa, a busca de informações, analisá-las e selecioná-las; a capacidade de aprender, criar, formular, ao invés do simples exercício de memorização.

Diante dessa realidade vale ressaltar que a escola é desafiada a construir outras propostas de trabalho pedagógico, seja na sua forma de organização, quanto na elaboração de conteúdos. Para Dayrell (2007);

Parece-nos que os jovens alunos, nas formas em que vivem a experiência escolar, estão dizendo que não querem tanto ser tratados como iguais, mas sim reconhecidos nas suas especificidades implica serem reconhecidos como jovens, na sua diversidade, um momento privilegiado de construção de identidades, de projetos de vida, de experimentações e aprendizagem da autonomia. (DAYRELL, 2007)

A elaboração de outras propostas pedagógicas que potencialize as vivências em grupo, a construção de autonomia, participação política e social. Quanto ao conteúdo curricular a escola tem que se transformar num espaço que concretiza as potencialidades juvenis, permitindo que os próprios jovens contribuam para a problematização do seu cotidiano privilegiando a construção de seus projetos de vida. A instituição escolar deve possibilitar vivências que priorizem a participação dos jovens como protagonistas e não simples “alunos” e para tanto, torna-se urgente a escola reconhecer uma condição juvenil na contemporaneidade para que os processos educacionais as propostas curriculares aproximem-se das necessidades e desejos dos jovens do Ensino Médio.

Concluimos parcialmente, que tratar a escola como um espaço para além dos seus muros e com a participação de toda a comunidade é um caminho para proporcionar melhores situações de ensino/aprendizagem nas aulas de História, Juarez Dayrell afirma:

Analisar a escola como espaço sociocultural significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levado a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história. Falar da escola como espaço sociocultural implica, assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição. (DAYRELL, 2007)

Pensando nesses aspectos a escola não deve ser uma instituição única, um espaço de transmissão e assimilação apresentando os mesmos sentidos e objetivos para todos os jovens, visando apenas garantir a todos eles o acesso ao conjunto de conhecimentos históricos socialmente acumulados pela sociedade e materializados nos programas e livros didáticos onde a ênfase é centrada nos resultados na valorização das provas e das notas e a finalidade da escola se reduz ao “passar de ano”. Nessa lógica que está vigente na escola, não faz sentido relacionar entre o vivenciado pelos alunos e o conhecimento escolar; entre o escolar e o extra-escolar, conhecimento histórico e cotidiano

justificando-se a desarticulação existente entre o conhecimento escolar e a vida dos alunos, e pensar a História ensinada a partir das experiências dos alunos é começar a fazer com que esse discente se sinta sujeito atuante da História.

Dessa forma, o processo de ensino/aprendizagem ocorre numa homogeneidade de ritmos, estratégias e propostas educativas com os mesmos conteúdos para todos, independente das experiências vivenciadas. Nessa perspectiva uniforme de conteúdos, ritmos e estratégias, e não a diversidade explica-se a forma como a escola organiza seus tempos, espaços e ritmos bem como o seu fracasso. Não podemos esquecer – o que essa lógica esquece – que os jovens chegam à escola marcados pela diversidade, desiguais em virtude da quantidade e qualidade de suas experiências e relações sociais, prévias e paralelas à escola. O tratamento homogêneo dado pela escola só vem acentuar o hiato entre a escola e a juventude. Dayrell afirma:

São as relações sociais que verdadeiramente educam, isto é, formam, produzem os indivíduos em suas realidades singulares e mais profundas. Nenhum indivíduo nasce homem. Portanto, a educação tem um sentido mais amplo, é o processo de produção de homens num determinado momento histórico. (DAYRELL.1992,p.2).

Diante dessa afirmação a escola pode e deve ser um espaço de formação onde o jovem amplie o seu processo de humanização, desenvolvendo as competências e habilidades que fazem de cada um de nós seres humanos. Possibilitando o acesso ao conhecimento, às relações sociais, às experiências culturais diversas podem contribuir assim como suporte no seu desenvolvimento como sujeito sociocultural, e no aprimoramento de sua vida social. Para tanto é essencial que os profissionais da escola reflitam a respeito da seleção dos conteúdos e de seus significados no cotidiano dos alunos.

Nessa ótica torna-se necessários o aprofundamento de discussões que, como essa, buscam apreender a escola na sua dimensão cotidiana, voltando o olhar sobre o seu fazer e seus sujeitos e a articulação que estes fazem com os conhecimentos históricos aprendidos no espaço escolar e sua vida, contribuindo assim para a afirmação da sua função social.

Diante do que foi exposto nesse trabalho preliminar não cabe apontar soluções definitivas e nem culpados ou inocentes para a crise em que se encontra o sistema educacional brasileiro, principalmente na escola que serviu de campo de observação, sobretudo no âmbito do ensino de História, mas fomentar os debates recentes a cerca de um currículo que incorpore as experiências e os projetos dos alunos e qual História deve ser ensinada aos alunos e alunas do ensino médio, cada um com suas particularidades.

REFERÊNCIAS:

DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre a educação e cultura**. Belo Horizonte; UFMG; 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

GUIMARÃES, Selva; SILVA, Marcos Antonio da. **Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas**. Dezembro, 2010.

MAGALHÃES, Marcelo de Souza. **Apontamentos para pensar o ensino de História hoje: reformas curriculares, Ensino Médio e formação do professor**. Junho de 2006.

DAYREL, Juarez; LEÃO, Geraldo; REIS, Juliana Batista dos. **JOVENS OLHARES SOBRE A ESCOLA DO ENSINO MÉDIO**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 31, n. 84, p. 253-273, maio-ago. 2011 273. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

CAIMI, Flávia Eloisa. **Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História.** Junho de 2006.

SCHWARTZ, Susana Zaslavsky. **Dificuldade aprendizagem em história e a construção do conhecimento histórico.** UNIrevista - Vol. 1, nº 2, (abril de 2006).

DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil.** Educ.soc.,out 2007,vol.28